

RE: Relatos que inspiram



Para muitas crianças e adolescentes, a escola é o primeiro e único espaço a propiciar o contato com a prática esportiva. E são as boas experiências nesse ambiente, somadas às oportunidades oferecidas, que podem torná-los ativos para o resto da vida. Para as crianças com deficiência, o obstáculo é ainda maior. Por isso, os relatos de inclusão merecem sempre o nosso destaque.

Nesta edição, apresentamos dois diferentes projetos desenvolvidos no ambiente escolar. Do Rio Grande do Sul, apresentamos uma pesquisa científica realizada com um grupo de alunos da educação infantil. De Minas Gerais, conhecemos o relato de inclusão nas aulas de Educação Física.

ESQUELETO HUMANO É TEMA DE PESQUISA CIENTÍFICA EM ESCOLA

Foi por estar atenta à conversa de seus alunos, que Andressa Fassbinder [CREF 020035-G/RS] pôde importar um assunto de interesse dos pequenos, o transformando em objeto de pesquisa científica. “Esqueleto humano: por que temos tantos ossos?!” foi o tema do projeto da turma Faixa Etária 4, da Educação Infantil da Escola Municipal Presidente Affonso Penna, localizada em Novo Hamburgo (RS). Tudo começou quando dois parentes de alunos tiveram fraturas em diferentes partes do corpo e precisaram imobilizar as áreas com gesso. A conversa suscitou a curiosidade dos pequenos, que levaram as dúvidas para a professora.

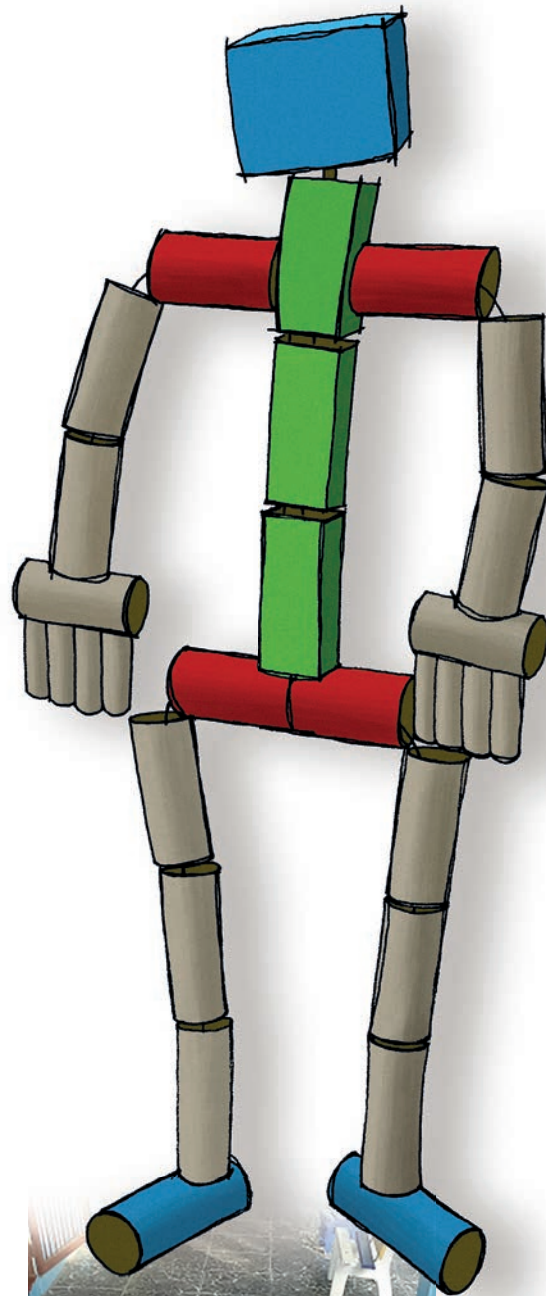
Para sanar essas dúvidas, Andressa fugiu do habitual e deixou que eles mesmos descobrissem as respostas. Para isso, criou com os alunos hipóteses que, após investigação, foram validadas ou descartadas. O primeiro passo foi apresentar aos alunos um esqueleto humano. “Eles acharam engraçado, pensaram que o esqueleto imitava um ser humano. Demoraram a entender que, na verdade, aquela estrutura está dentro deles”.



Mas o esqueleto não foi o único material com o qual os alunos tiveram contato. “Organizamos uma aula externa no Museu de Ciências da PUC-POA, onde a turminha, acompanhada por professores e alguns familiares, teve a oportunidade de pesquisar ossos, músculos, articulações e tendões, em um ambiente desafiador e completamente diferente daquilo que nossa escola podia oferecer em recursos”.

Todos esses complementos, inclusive a aula externa, tiveram como objetivo final educar crianças para serem adultos mais ativos e saudáveis. Andressa explica que aproveitou a pesquisa para fazer com que as crianças entendessem que os ossos também precisam de cuidados, e uma forma de cuidar deles é exercitando. “As vivências e experiências que as crianças tiveram a oportunidade de experimentar, com toda a certeza, fizeram diferença na forma como percebem a educação e nos cuidados com o próprio corpo”.

Para que isso acontecesse, a pesquisa precisou ter relação direta com a realidade. “As aprendizagens construídas passaram pelo corpo das crianças, trazendo sentido e significado como, de fato, o conhecimento deve ser desenvolvido na escola. Somado a isso, o protagonismo das crianças era evidenciado na autonomia e busca pelas informações que gostariam de aprender sobre cada parte do seu corpo, na medida em que as exploravam no pátio e em brincadeiras de que participavam”.





Para reforçar a aprendizagem, Andressa se preocupou em fazer um investimento de longo prazo. “Trouxemos também alguns profissionais que em sua formação estudaram os ossos, articulações, tendões, músculos e ligamentos, como enfermeiro, fisioterapeuta, gesso, profissional de Educação Física, quiropraxista e radiologista. Alguns deles, inclusive, contaram que já tinham interesse pelo assunto na idade das crianças”.

Foi graças também à colaboração dos pais dos alunos que o encontro foi possível. “Muitos deles se propuseram a contribuir com sua experiência profissional. Quando não podiam, se dedicavam a encontrar amigos, vizinhos ou parentes que pudessem participar”. Deu tudo certo: a experiência foi um sucesso – não só para os alunos. Isto porque o projeto foi destaque na Feira Científica da escola, sendo escolhido para a Feira Municipal de Iniciação Científica e Tecnológica do município (e premiado neste evento), podendo participar da Mostra Internacional de Ciência e Tecnologia (Mostratec) Júnior da Fundação Liberato.

Além da autoestima que os alunos adquiriram com o projeto, os pequenos saíram de lá mais esclarecidos e com conhecimentos sobre como cuidar de seus corpos, depois de terem conhecido diversos novos profissionais, visitado um museu e montado um esqueleto humano utilizando materiais recicláveis. Por outro lado, os pais ficaram ainda mais engajados com a educação dos filhos e dispostos a colaborar com a professora de Educação Física na construção de adultos mais saudáveis e felizes. “Para concluir o projeto, nós pegamos aquelas hipóteses iniciais dos alunos e eles mesmos puderam confirmá-las ou não”. Nada menos que uma pesquisa científica.

NINGUÉM FICA NO BANCO: PROFESSORA ADAPTA AULAS PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA

Apesar de não contarem com escolas especiais, as crianças com deficiência da cidade de Coronel Murta (MG) não ficam desamparadas. Pelo menos no que depender da Profissional de Educação Física Gabriela Pêgo Silva [CREF 034890-G/MG]. Desde 2017, a professora da Escola Municipal Rossana Ferreira Murta não deixa nenhum de seus alunos com deficiência no banco de reserva durante suas aulas. Todos participam, cada um com suas especificidades e limitações.



O trabalho nas aulas vai além. Gabriela faz questão de preparar todos os outros estudantes para o acolhimento dessas crianças. “Eu acho que é de fundamental importância mostrar que esses alunos existem e têm suas dificuldades, como todos nós, e que eles também conseguem chegar lá. Por isso, exibo filmes que trazem essa temática, mostrando que essas pessoas estão, inclusive, na nossa escola”. Tudo isso para que elas se sintam como realmente são – parte da sociedade.

Em uma das atividades realizadas na escola, a professora organizou uma partida de vôlei sentado, na qual todos os participantes precisaram mudar sua forma de se posicionar originalmente (de pé). Assim, todos se adequaram à realidade de uma criança cadeirante, e não o contrário. Os alunos também puderam experimentar outras atividades. “Temos ginástica, ginástica acrobática, com fita, localizada, yoga, entre outras modalidades. Tudo sempre adaptado para as crianças especiais”.

A satisfação dos pais, com a evolução dos alunos, é evidente. Eles recebem fotos e vídeos das atividades que seus filhos participam por meio de um grupo no aplicativo de troca de mensagens instantânea WhatsApp, com todos os pais e professores. “Eles amam a inclusão de seus filhos. Além disso, todo mês nós pesamos e medimos os alunos, calculamos o Índice de Massa Corporal... Nós cuidamos da saúde das crianças”.



Tudo o que elas aprendem durante o ano é exibido durante o Circuito do Atletismo, que acontece no mês de outubro, quando é celebrado também o dia das crianças. Na atividade, as turmas competem entre si, em modalidades como corrida com bastão, corrida com obstáculos, salto à distância, futebol, vôlei, etc. “As atividades escolhidas para compor o circuito são adaptadas. Observamos que as crianças tinham dificuldades de concentração, equilíbrio, contato com o outro e, que por meio do circuito, conseguimos sensibilizar os nossos alunos e ajudá-los a superar esses obstáculos”.

Mas nem sempre foi assim. A mudança começou após Gabriela iniciar a pós-graduação em Esportes e Atividades Físicas Inclusivas para Pessoas com Deficiência pela Universidade Federal de Juiz de Fora. A professora compreendeu que a formação profissional se dá também ao longo da profissão. “Eu aprendi nessa especialização, o que não aprendi na faculdade”. Apaixonada pela área,

Gabriela não perdeu tempo e passou a aplicar as técnicas aprendidas em sala de aula já nas suas nove turmas. “Depois que eu entrei nessa especialização, passei a ver a situação com outros olhos”.

Com os olhos antigos, as crianças não eram vistas com tanta atenção. “No ano passado, peguei uma turma do primeiro ano do ensino fundamental que tinha uma aluna surda. Decidi que a ajudaria a se desenvolver melhor. Para dar uma aula de zumba, comecei a buscar na internet como me comunicar com ela. Treinei em casa e, quando consegui, durante a aula, me apaixonei”, lembra, contando que ficou tão empolgada, que logo se inscreveu num curso de Libras.



O interesse pela área é tão grande, que este ano ela se graduou também em Licenciatura em Educação Especial. “Acabei me apaixonando”. E transformou a paixão em trabalho. “Eu procuro sempre verificar a dificuldade de cada aluno e pesquiso como ajudá-lo a superá-la individualmente”. Parece que eles percebem essa atenção mais que especial. “Eles adoram, porque são aulas diferentes das com que estão acostumados”. É por isso que, desde que Gabriela chegou na Escola Rossana Ferreira Murta, alunos com autismo, Síndrome de Down e deficiências físicas têm acesso a uma Educação Física que os faz sentir iguais, não diferentes. Até porque, para a professora, inclusão é isso: inserir essas pessoas na sociedade e não separá-las dela.

ENVIE A SUA EXPERIÊNCIA

Nós queremos conhecer a sua experiência, seja ela na escola, academia, hospital, clube ou qualquer outro segmento. Envie o seu relato para o e-mail revistaef@confef.org.br e teremos o maior prazer em compartilhá-lo.
